



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA**

RENATA RODRIGUES FEITOSA

**ÀS VOLTAS COM *EL ALEPH ENGORDADO*: AS POLÊMICAS DA
RECEPÇÃO CRÍTICA**

**MONTEIRO
2018**

RENATA RODRIGUES FEITOSA

**ÀS VOLTAS COM *EL ALEPH ENGORDADO*: AS POLÊMICAS DA
RECEPÇÃO CRÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras.

Área de concentração: Estudos literários.

Orientador: Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves

MONTEIRO

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F311v Feitosa, Renata Rodrigues.
 As voltas com El Aleph engordado [manuscrito] : as polêmicas da recepção crítica / Renata Rodrigues Feitosa. - 2018.
 39 p.
 Digitado.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2018.
 "Orientação : Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
 1. Pablo Katchadjian. 2. Literatura argentina. 3. Crítica literária contemporânea. 4. Literatura contemporânea. I. Título
 21. ed. CDD 801.95

RENATA RODRIGUES FEITOSA

**ÀS VOLTAS COM *EL ALEPH ENGORDADO*: AS POLÊMICAS DA
RECEPÇÃO CRÍTICA**

Artigo apresentada ao Curso de Letras-
Língua Espanhola da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduado
em Letras.

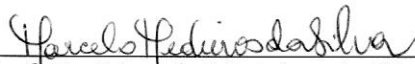
Área de concentração: Estudos literários.

Aprovada em: 05/12/2018

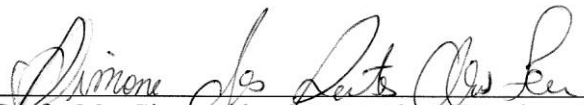
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wanderlan da Silva Alves (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Simone dos Santos Alves Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

A Lucineide e Reginaldo, meus pais, pelo incentivo, e apoio. Ao meu amigo Leonel, pelo companheirismo e amizade.

AGRADECIMENTOS

Ao final de um ciclo, não só por elaborar este trabalho, mas por estar encerrando esta trajetória na UEPB-CCHE, é satisfatório lembrar as dificuldades superadas. E, por isto, lembro-me de algumas pessoas que fizeram parte deste processo e contribuíram para o meu crescimento, às quais agradeço.

Ao meu orientador, o Professor Dr. Wanderlan da Silva Alves, pelas orientações, dedicação que foi essencial para esse estudo ser realizado.

Aos meus pais Lucineide e Reginaldo, pelo carinho e apoio. Sinto-me imensamente feliz de estar com vocês nesta conquista. Às minhas irmãs Raquel e Larissa, pelos momentos de descontração nas situações estressantes, à minha vó pelo carinho e pela dedicação. A toda minha família, que me incentivou.

A todos os meus amigos que torceram por mim ao longo desta caminhada. Em especial ao meu amigo Leonel, que sempre me incentivou, me ajudou e me fez acreditar que sou capaz de realizar os meus sonhos.

A todos os meus professores ao longo da minha vida, que deixaram parte do seu conhecimento, do qual jamais esquecerei.

“O autor é aquele que interfere de modo particular e pessoal em um processo de signos.” (Jorge Luís Borges).

SUMÁRIO

1	Introdução	07
2	Breve mapa das textualidades de um processo (criativo).....	08
2.1	Resenhas de divulgação.....	10
2.2	Notas informativas ou explicativas.....	15
2.3	Breves ensaios críticos.....	18
3	Crítica nos meios, crítica na academia: limites e intersecções de uma questão contemporânea	25
4	Considerações finais	31
	Resumen.....	32
	Referências	32
	Apêndice	35

ÀS VOLTAS COM *EL ALEPH ENGORDADO*: AS POLÊMICAS DA RECEPÇÃO CRÍTICA

Renata Rodrigues Feitosa¹

Resumo: No presente artigo, adotamos como questão norteadora como se deu a repercussão em torno da publicação de *El Aleph engordado* (2014), do escritor argentino Pablo Katchadjian. A polêmica surge por ele ter realizado um experimento artístico utilizando como base o conto “El Aleph”, de Jorge Luís Borges. Sendo assim, estabelecemos como objetivo ler e analisar as textualidades que circularam nas mídias sobre o caso Pablo Katchadjian, comparando-as com a crítica acadêmica sobre o caso. Para isto, tomamos como base as considerações de Sussekind (2010), Jobim (2012), Laddaga (2010), Ludmer (2007), Azevedo (2011). Diante disso, fizemos uma caracterização do tipo de crítica que circulou sobre o caso, observando, inicialmente, as resenhas publicadas em sites e *blogs*, para depois nos debruçarmos sobre as notas explicativas, também disponíveis nas mídias digitais, e breves ensaios críticos acerca da questão. Ao fim, comparamos os textos analisados com os apontamentos da crítica literária acadêmica, chegando à conclusão de que, para o experimento de Katchadjian, não existem profundas diferenças entre aquilo que a acadêmica e a não acadêmica leu sobre ele.

Palavras-chave: Pablo Katchadjian. Literatura argentina. Crítica literária contemporânea. Literatura contemporânea.

1 Introdução

Em 2009, Pablo Katchadjian publicou na editora *Impressa argentina de poesia* 200 exemplares de um livro de somente 50 páginas intitulado *El Aleph engordado*. Se trata da reescrita do conto “El aleph” de Jorge Luís Borges por um procedimento explicitado na pós-data do texto de Katchadjian, que acrescentou 5.600 palavras ao texto de Borges. O resultado foi um novo texto, pois os personagens e as situações dramáticas estão transformados. Porém, em 2011, María Kodama, viúva e herdeira dos direitos de autor da obra de Borges, através do seu advogado, iniciou um processo penal acusando Katchadjian de plágio, tomando como base a lei 11.723, desconsiderando a pós-data do livrinho, como fica claro no processo.

Partindo desse contexto narrativo-discursivo, nosso trabalho procura ler comparativamente as textualidades que circulam/circularam nas mídias sobre o “caso Pablo Katchadjian” e compará-las com a crítica acadêmica sobre *El Aleph engordado*, observando as semelhanças e diferenças entre elas, partindo da hipótese de que, em razão das particularidades de cada um desses meios escriturais e dos protocolos de relação com os leitores poderia haver diferenças significativas entre aquilo que circulou em jornais e blog acerca de *El Aleph engordado* e aquilo que se publicou em revistas acadêmicas sobre o texto de Katchadjian. Feito isso, procuramos compreender como a academia e as redes alimentaram

¹ Aluna de Graduação em Letras- Espanhol na Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI. Email: renatafdj@outlook.com

os discursos sobre Katchadjian, de certo modo restritos aos mesmos temas e abordagens, a partir de sutis diferenças.

Este trabalho se propõe a analisar, criticamente, as discussões ocasionadas pelo experimento artístico de Pablo Katchadjian intitulado *El Aleph engordado*, que promoveu questionamentos quanto aos desdobramentos autorais na literatura contemporânea, assim como à função do autor-crítico e sua relação com a tradição. Deste modo, fizemos uma caracterização panorâmica do aparecimento do debate sobre *El Aleph engordado* na mídia, identificando e caracterizando o tipo textual predominante nos meios de ampla circulação, como as resenhas, notas explicativas e pequenos textos de crítica literária. A partir desse levantamento, analisamos as principais estratégias argumentativas e observamos quais são as matrizes discursivas de que elas se valem para tratar das questões referentes a *El Aleph engordado*, a saber: fundamentos da crítica literária, perspectivas ligadas ao senso comum sobre arte e literatura e, ainda, o conhecimento jurídico. Analisamos as concepções de arte debatidas nos textos, assim como a posição dos autores em relação a tais concepções.

2 Breve mapa das textualidades de um processo (criativo)

El Aleph engordado, de Pablo Katchadjian, ocasionou várias discussões sobre propriedade intelectual, direito de reprodução e, também, sobre questões judiciais decorrentes da acusação de plágio contra o autor argentino, imposta por María Kodama, viúva e herdeira de Jorge Luís Borges, que desencadeou uma discussão na mídia, a qual impulsionou um debate que chamou a atenção do público em geral.

Essa situação causou repercussão, especialmente no âmbito de língua espanhola, mas não apenas nele, gerando vários debates sobre o caso entre leitores, críticos e docentes universitários. Podem-se identificar, a esse respeito, vários tipos de abordagem do “caso Pablo Katchadjian”, que circularam em diversos formatos, como resenhas, notas, breves comentários, pequenos ensaios de crítica literária e cultural, etc.

O caso gerou debates de natureza variada, ainda que neles se vislumbrem certas veleidades intelectuais, por vezes. Após as ações de Kodama, alguns críticos literários e escritores de literatura saíram em defesa do autor argentino, ao manifestarem-se em relação ao processo movido pela herdeira de Borges, destacando-se entre eles nomes como a crítica literária Beatriz Sarlo, os escritores e críticos César Aira, Ricardo Piglia, Claudia Piñeiro, Silvia Molloy, Martín Kohan e Mario Bellatin. E, ainda, os artistas plásticos Roberto Jacoby e

Osias Yanov, também saem em defesa do autor argentino na mesma época.

Por outro lado, houve paralelamente, também, uma série de debates de caráter opinativo, nos quais o caso é apresentado com mais detalhes e, em geral, sob a perspectiva de um julgamento de valor. Deste modo, procura-se fundamentar as críticas, além de resumir e fazer uma avaliação sobre o caso, de modo que quem as escreve emite a sua opinião, seja ela positiva ou negativa, acerca dos processos jurídicos e escriturais envolvendo Katchadjian. Observa-se, além disso, um tom especulativo e inquisitivo frequente nessas discussões. Os textos de tom especulativo constituem-se em debates e colocações que visam a realizar questionamentos gerais acerca do caso *El Aleph engordado*. Já os de natureza inquisitiva atêm-se à investigação do caso jurídico decorrente do processo movido por María Kodama, abordando específica e detalhadamente *El Aleph engordado*. Como exemplos dessas abordagens citamos, respectivamente, as considerações apresentadas no texto “Arte de quem? (ANÔNIMO²)” e o texto de Calero ¿Se Puede engordar “El Aleph”?.

No Apêndice, apresentamos uma amostra representativa dos tipos de textos, discussões e abordagens que *El Aleph engordado* fomentou, especialmente após o processo judicial iniciado pela viúva de Borges. Os textos foram selecionados mediante critérios objetivos: deveriam ser textos publicados *on line*, deveriam tratar de *El Aleph engordado* e deveriam ser minimamente expressivos de tendências de tipos textuais, perspectivas de leitura e abordagens ou, excepcionalmente, singularizarem-se por abrirem ou apresentarem vias de leitura totalmente distintas das demais. Tais exigências se devem a nosso interesse em perscrutar, nesse debate acerca de Katchadjian, as oscilações entre o debate cultural propriamente dito e o debate judicializado – por vezes em circulação em forma de boatos, fofocas ou simples senso comum. Nesse sentido, este trabalho sonda as possibilidades da crítica em periódicos (e seus equivalentes contemporâneos) e suas (im)possibilidades para fomentar uma reflexão sobre o literário em horizontes situados além dos limites da academia e de seus meios protocolares e consagrados de difusão da crítica (revistas especializadas, livros, congressos, conferências, etc.), tomando “o caso *El Aleph engordado*” como centro em torno do qual nossa discussão se desenvolve. Por outro lado, contrasta esse tipo de expressão crítica com algumas leituras críticas oriundas do meio acadêmico, perscrutando seus limites e intersecções.

² Arte de quem? Especialistas discutem os limites entre homenagem, apropriação e plágio nas diferentes linguagens artísticas. Até onde vão os deveres de quem usa outra obra como partida? 2013 GAÚCHAZH Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/03/especialistas-discutem-os-limites-entre-homenagem-apropriacao-e-plagio-nas-diferentes-linguagens-artisticas-40>>. Acessado em: 03/08/2018.

2.1 Resenhas de divulgação

Um dos tipos de texto frequentes encontrados nesse universo discursivo é a resenha, que, como sabemos, se caracteriza por ser um texto que tem como função apresentar e analisar um determinado objeto, texto ou questão, explicitando as conexões entre as suas propriedades e avaliando sua potência, criticamente. Nesse sentido, o propósito da resenha num meio leigo de grande circulação (como é, enfim, todo canal *on line*) é expor ao leitor um texto em que se apresentem e se discutam as ideias fundamentais acerca do texto ou objeto ser debatido. Ora, então a resenha possibilita ao leitor um conhecimento prévio, uma espécie de preparação sobre um tema ou objeto cultural pelo qual ele possa se interessar, nesse caso *El Aleph engordado*.

Esse tipo textual, na maioria das vezes, expressa a opinião do autor, que realiza uma breve análise sobre o material que comenta, ao longo de sua argumentação. Desta forma, a resenha supõe apreciações e julgamentos, seja em relação ao valor, à estrutura, à organização ou à potência estética ou crítica do texto ou objeto resenhado, uma vez que se analisam o conteúdo e o estilo e, além disso, se pode, também, utilizar embasamento teórico para fundamentar o diálogo crítico.

Em *Krazy Katchadjian*, por exemplo, Villamediana defende que as obras do argentino Pablo Katchadjian reafirmam o conceito de literatura como construção, sendo que a problemática central de sua discussão está na ideia de a arte poder constituir-se a partir de fragmentos de outras obras ou autores. Por sua vez, sua resenha destaca outra obra de Katchadjian, *Qué hacer* (Buenos Aires: Bajo la luna, 2010), apontando, deste modo, para o exercício da reescrita como parte do fundamento do projeto literário desse escritor. Sendo assim, acaba por mostrar que Katchadjian volta-se para outra forma de fazer literário: “apunta a otra modalidad de la anatomía literaria. En lugar de operar con las unidades de un texto anterior —como con detritus que de inmediato se revaloriza—, aquí la permutación ocurre sobre elementos que aceptamos como inéditos” (VILLAMEDIANA, 2011)³.

Já em *¿Se Puede engordar ‘El Aleph’?*, César Calero trata do fato de o escritor argentino ter ousado reescrever um conto de Borges, um dos maiores nomes da literatura argentina de todos os tempos. Em sua leitura, seria esse o motivo de Katchadjian ter sido acusado de plágio pela viúva de Borges, como mostra a citação abaixo:

Pero si hay alguien a quien no le gusta que jueguen con la obra del gran

³ A maioria desses textos críticos divulgados on line encontram-se em formatos que não indicam numeração de página.

referente de las letras argentinas es a su viuda, María Kodama que en 2011 demandó por plagio al joven y audaz autor. Tras varias idas y vueltas, la justicia ha determinado ahora que una comisión de expertos establezca si “El Aleph” (1949) se puede o no “engordar” (CALERO, 2015).

De acordo com Calero (2015), a reescrita do conto se estabelece como um jogo literário. Sendo assim, na opinião do autor, Pablo Katchadjian teve como propósito manter sua versão fiel à original do conto “El Aleph”. No entanto, acabou criando outra obra, como outra forma de objeto cultural. Pois reconstruiu um texto canônico, adaptando-o e modificando-o. No entanto, em sua discussão do caso *El Aleph engordado* Calero não se atém à interferência no conto “El Aleph”, questão deixada de lado, à qual se sobrepõe a discussão sobre a propriedade da obra artístico-literária. Desta forma, a discussão acaba sugerindo que é relevante compreender qual o propósito da intervenção, assim como os processos de criação e experimentação na esfera da criação literária e quais seus limites. O autor reitera que essa conjuntura é indispensável para interpretar, descrever e analisar todo o conjunto, muito além do texto, propriamente. Porém, María Kodama não concorda com a ideia, acreditando que se trata de um plágio, razão pela qual acabou processando o escritor. Obviamente, Kodama está interessada no possível ganho econômico que os processos poderiam oferecer-lhe.

Calero (2015) destaca que o advogado do argentino afirmava que a atitude de Kodama era inaceitável, pois Katchadjian não teria interesse econômico, uma vez que apenas 200 exemplares foram distribuídos informalmente, insinuando, ainda, que Kodama não conhece a obra de Borges, pois o autor sempre utilizou a intertextualidade em suas obras como procedimento criativo. Exemplo disso é o conto “*Pierre Menard, autor del Quijote*” presente no livro *Ficciones*, de 1944, do escritor Jorge Luis Borges, cuja história narrada se constitui de um crítica literária sobre Pierre Menard, um escritor francês do século final do século XIX que teria tentado reelaborar *Don Quijote de la Mancha*, de Cervantes. Sua obra impossível, inconclusa e desconhecida, é avaliada pelo narrador borgeano como mais rica do que a de Cervantes, ainda que fosse alfabeticamente igual à original. Com nuances de ironia ao longo de texto, o narrador de Borges admite que Cervantes faz críticas às novelas de cavalaria e à realidade do século XVII, ao passo que Menard, conforme se distancia do passado, provoca uma evolução ou reviravolta na criação cervantina.

Observamos que Borges evidencia os entusiasmos de Menard em ultrapassar uma releitura do *Quijote*, recriando trechos do livro, linha por linha, idêntico ao do século XVII, e nisso questionado os conceitos de autoria e originalidade:

Não queria compor outro Quixote – o que é fácil – mas o Quixote. Inútil

acrescentar que nunca enfrentou uma transcrição mecânica do original; não se propunha copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir algumas páginas que coincidisse – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes (BORGES, 1999, p. 20).

No “caso Katchadjian”, no entanto, o tribunal ordenou que se formasse uma comissão de especialistas para analisar o caso e decidir se realmente houve ou não plágio. Ao fim, o juiz decidiu que não houve plágio e sim um experimento literário, como já tinha afirmado o advogado de defesa. Não deixa de ser interessante e irônico que uma questão do âmbito da criação estética (e, possivelmente, desinteressada) se convertesse em questão jurídica e, no fim das contas, precisasse do veredito de um juiz. É, no mínimo, irônico o ocorrido, justamente porque decorre de uma intervenção artística realizada no contexto em que tão abertamente se tem discutido a ideia de pós-autonomia.

Josefina Ludmer, em seu ensaio “*Literaturas postautónomas*”, delineia algumas características em torno da literatura contemporânea, com suas provocações, as quais movimentam o mundo da crítica literária, trazendo indagações sobre a prática da literatura no presente e questionando os parâmetros acerca do que, tradicionalmente, foi considerado literário ou não literário: “Muchas escrituras del presente atraviesan la frontera de la literatura [los parámetros que definen qué es literatura y quedan afuera y adentro, como en posición diaspórica: afuera pero atrapadas en su interior]” (LUDMER, 2007 p. 1 – colchetes do original).

A pós-autonomia questiona certos aspectos constitutivos da literatura moderna, por compreender que o contexto literário do presente é multifacetado, e está em permanente transformação, por vezes simultaneamente dentro e forma do literário. Dentre essas relações estão aquelas que situam o literário entre o cultural e o econômico, conforme evidencia Ludmer no fragmento seguinte:

Las literaturas posautónomas [esas prácticas literarias territoriales de lo cotidiano] se fundarían en dos [repetidos, evidentes] postulados sobre el mundo de hoy. El primero es que todo lo cultural [y literario] es económico y todo lo económico es cultural [y literario]. Y el segundo postulado de esas escrituras sería que la realidad [si se la piensa desde los medios, que la constituirían constantemente] es ficción y que la ficción es la realidad (LUDMER, 2007, p. 2 – colchetes do original).

São pressupostos dessa ordem que encontramos em *Dieta forzosa para Borges*, que discute a possibilidade de plágio do conto “*El Aleph*” por Pablo Katchadjian, afirmando, ao fim, que se trata de um experimento literário. Tal interpretação apresenta-se, inclusive,

explicitada na pós-data que acompanha *El Aleph engordado*, na qual o autor esclarece que o objetivo do exercício era apenas “engordar” o texto de Borges. Ou seja, acrescentar elementos ao conto original, sem alterar nenhum ponto nem vírgula, e sim inserir o dobro de palavras ao texto original:

El trabajo de engordamiento tuvo una sola regla: no quitar ni alterar nada del texto original, ni palabras, ni comas, ni puntos, ni el orden. Eso significa que el texto de Borges está intacto pero totalmente cruzado por el mío, de modo que, si alguien quisiera, podría volver al texto de Borges desde éste (KATCHADJIAN, 2014, p.18).

Neste contexto, pensar a utilização de recursos como a intertextualidade e a reescrita utilizados pelo escritor tem se mostrado importante para a discussão acerca da tradição literária e, também, para uma reflexão sobre os objetos experimentais ou canônicos da literatura e como eles figuram como texto e intertexto na arte contemporânea. Nesse sentido, Ariane Díaz enfatiza que Pablo Katchadjian já havia transitado por esse caminho com a versão alfabeticamente ordenada de *Martín Fierro*, um poema da tradição literária argentina.

Cabe observar que a reescrita tem despertado inúmeras reflexões, na literatura contemporânea. Em 2007, *Bolivia Construcciones*, de Bruno Morales (Sergio Di Nucci), também deu vazão a uma polêmica dessa ordem, pois o autor lança mão de artifícios como a cópia e a estilização de parte da narrativa do romance *Nada*, da espanhola Carmen Laforet, o que suscita a questão do plágio, colocando no debate noções consagradas da literatura, como autoria, gênero e originalidade, entre outros. De fato,

En cuanto al recurso de la reescritura en *Bolivia construcciones*, Di Nucci apuesta por la potencia del texto en cuanto objeto que comunica una realidad netamente discursiva, y echa a un lado ciertos supuestos dogmáticos que tradicionalmente rigen la dinámica de la creación tanto como de la recepción literaria, tales como la preocupación por la originalidad o la autenticidad. Dicho desplazamiento es fundamental en la configuración de su novela, precisamente porque en ella los elementos referenciales están en juego y, a la vez, debilitan la presunta transparencia de la copia y del plagio practicados (ALVES, 2017, p.669-670).

Como se nota, Di Nucci também parece não estar preocupado em seguir ou infringir certas “normas” da tradição moderna no campo da arte, sugerindo que sabe muito bem como utilizar os recursos da escritura à sua disposição. Ao contrário, como observa Perromat,

Hace tiempo que el plagio y otros límites indecibles de la escritura y de la autoría artística se han convertido en temas privilegiados de la ficción

contemporánea, en cuentos, novelas, cómics, películas u obras de teatro. Así, por ejemplo, en la literatura escrita en español, podemos citar obras y autores como *Por favor ¡pláguenme!* (plagiando sistematizada y progresivamente) del escritor argentino Alberto Laiseca; la “estética de la repetición y del plagio” del también argentino Ricardo Piglia; y las ficciones del boliviano Edmundo Paz Soldán (*Río fugitivo*, 1998, 2008); o de los españoles Pablo Sánchez (*La caja negra*, 2005), Pepe Monteserín (*La conferencia: el plagio sostenible*, 2006) y José Ángel Mañas (*Soy un escritor frustrado*, novela de 1996 que fue llevada al cine en Francia como *Imposture* por Patrick Bochitey en 2005). Este fenómeno no es en absoluto una característica exclusiva del mundo hispánico: en 2004, David Koepp adaptaba en *Secret Window* un best-seller sobre la cuestión de Stephen King, con el globalizado Johnny Depp como protagonista; y otros autores globales han utilizado el tema del plagio como trasfondo de sus historias, como el suizo Martin Suter (*Lila, Lila*, 2004). Muchos otros ejemplos de todas las latitudes son posibles (PERROMAT 2011, p. 124).

Retomando, então, o caso Katchadjian, em sua resenha Díaz (2015) destaca que as obras de Borges são um atual e interessante objeto de trabalho, inspirando experimentos, performances, plágios, que, no entanto, não chegam, propriamente, a copiar a versão original. A resenhista mostra, porém, que a viúva e herdeira dos direitos autorais de Borges não concorda com essas leituras, refutando todas as possibilidades de definições e interpretações que a obra de Borges permite nas leituras que tais apropriações desenvolvem, acusando o argentino de plágio ainda em 2009. Díaz (2015) discorre que durante o processo judicial, que durou quatro anos, inicialmente a justiça se manifesta favorável a Katchadjian, no entanto houve uma reviravolta no processo, e o tribunal manifesta-se, posteriormente, favorável a Kodama, decretando o pagamento de 7.500 pesos à herdeira.

De modo geral, notamos que Díaz (2015) se manifesta de forma favorável ao escritor Pablo Katchadjian, entendendo que ele não pratica plágio, mas apenas busca adicionar novos elementos ao relato de Borges. Como exposto no “post-data” ao texto, Díaz entende que o autor não tinha a intenção de modificar o texto original e sim enriquecê-lo. Há nisso, obviamente, uma ambivalência que é um elemento constitutivo inerente ao procedimento da reescrita como recurso criativo.

Díaz (2015) traz, ainda, elementos jurídicos para a discussão, alegando haver dois aspectos primordiais na definição de direitos autorais na Argentina: primeiro ela cita a existência do direito moral, segundo o qual a obra deve ser distribuída na sua íntegra, sem haver alterações nas colocações feitas pelo autor; segundo, refere-se ao direito patrimonial, que está relacionado à licença para a comercialização da obra. Por fim, a autora faz referência, ainda, à lei 11.723, que regulamenta os direitos autorais em seu país, destacando que esta é ainda mais restritiva e que as tentativas de reformulação não flexibilizaram as normas em

relação ao leitor nem ao autor. Sendo assim, esta legislação, segundo a autora, serviu de base para este tipo de questionamento jurídico acerca da autoria apresentado por Kodama.

Um contraponto às restrições da lei e aos argumentos de Kodama pode ser encontrado em *El Aleph de Pablo Katchadjian ¿Arte o Plagio?*, pois o texto trata da acusação do plágio e questiona os limites da arte. Segundo González (2016), o objetivo de Katchadjian era construir, propositadamente, um universo difuso, no qual não seria possível identificar qual parte pertencia a cada autor, como afirma o próprio Katchadjian no final da *post-data*: “Si bien no intenté ocultarme en el estilo de Borges, tampoco escribí con la idea de hacerme demasiado visible: los mejores momentos, me parece, son esos en los que no se puede saber con certeza qué es de quién” (KATCHADJIAN *apud* GONZÁLEZ, 2016).

De acordo com González (2016), María Kodama não compreende (ou finge não compreender, poderíamos nos perguntar) essa ideia de experimento literário e processa o autor. Segundo o resenhista, este evento movimentou o cenário crítico literário da Argentina, visto que escritores passaram a opinar sobre o caso, nos principais meios de comunicação. Já na percepção de Budassi (*apud* González, 2016), María Kodama controla a obra de Borges, porém às vezes acaba suprimindo-a em vez de expandi-la. O autor afirma, ainda, que o próprio Borges aplicava em sua literatura o conceito de escrever e reescrever, no qual reescrever é um procedimento associado ao ato de ler. Como exemplo disto, González (2016) também cita o conto “Pierre Menard, autor del Quijote”, em que um personagem borgeano tenta reescrever o *Dom Quixote*, de Cervantes. O resenhista reitera, deste modo, que as atitudes e alegações de Kodama chocam-se com elementos e conceitos utilizados pelo próprio Borges, que, por sua vez, é um claro precursor de Katchadjian, conceito que Borges tinha desenvolvido no ensaio em “*Kafka y sus precursores*⁴” e que também se constitui num dos fundamentos literários de sua obra e potencializa uma leitura crítica da própria história da literatura. São estes elementos que permitem a Borges configurar suas criações. Assim como Borges, Katchadjian não se filia a uma ideia de linearidade histórico-literária, mas lê o presente da literatura mediante as obras do passado: “El hecho es que cada escritor *crea* sus precursores” (BORGES, 2011, p.89).

2.2 Notas informativas ou explicativas

⁴ É um pequeno ensaio de 1951 de Jorge Luiz Borges, onde ele colocou como um exemplo daqueles autores que tornaram possível, com um trabalho inovador, uma nova leitura de toda ou grande parte da literatura anterior: agora que lemos para Kafka, disse Borges.

Além de resenhas discutindo a repercussão de *El Aleph engordado*, publicaram-se diversos pequenos textos sobre tal “acontecimento literário”, notas explicativas repercutindo o assunto e as discussões provocadas por ele. Esse tipo de manifestação discursiva caracteriza-se por ser um texto curto, que tem a clara função de informar o leitor sobre o assunto, sem se aprofundar ou tomar parte na discussão, apenas relatando o fato, numa perspectiva mais afim ao jornalismo ou àquilo que, atualmente, se constitui nas seções dedicadas a livros, nos jornais em geral.

A primeira nota que destacamos intitula-se *Alteró “El Aleph” de Borges y se desató la polémica*, texto não assinado, publicado no site argentino *Cienradios*, na seção de livros. Sem informação de autoria nem de data, como é comum nesse tipo de manifestação, o texto traz como tema a disputa judicial entre María Kodama e Pablo Katchadjian, mostrando que o escritor tinha sido acusado do plágio, por ter “engordado” “El Aleph” de Borges. Cabe observar que um traço dessas notas é o fato de que o leitor pode, praticamente, prescindir do texto propriamente dito, visto que ele apenas glosa o que já está expresso na manchete. Nesse sentido, parece ser pensado para a prática contemporânea de leitura e divulgação (via compartilhamentos *on line*) apenas das manchetes e títulos das matérias publicadas.

Outra das notas, por exemplo, intitula-se *“El Aleph engordado”, Escritores repudian procesamiento contra Pablo Katchadjian por “plagiar” El Aleph, de Jorge Luis Borges*, publicada em 2015, no site *La prensa*, da Nicarágua, também sem indicação de autoria, e traz a notícia de que diversos escritores repudiaram processo contra Pablo Katchadjian por “plagiar” *El Aleph*, de Jorge Luis Borges, e destaca o apoio que Pablo Katchadjian recebeu de outros autores que se posicionaram contra a acusação de plágio, feita pela viúva de Borges:

Escritores argentinos como César Aira, Ricardo Piglia, Claudia Piñeiro, Silvia Molloy y Martín Kohan; sus colegas latinoamericanos Mario Bellatin (México), Dani Umpi (Uruguay) y Silviano Santiago (Brasil); y los artistas plásticos Roberto Jacoby y Osías Yanov figuran entre las más de 2500 personalidades que se solidarizaron con Katchadjian (2015, p. 3).

Vale a pena destacar que as notas evidenciam o escândalo do processo movido por María Kodama contra Katchadjian, o que acaba por dar visibilidade ao trabalho de Katchadjian e, conseqüentemente, a *El Aleph engordado*. Observamos que as notas e as resenhas sobre *El Aleph engordado* surgiram em maior número após a abertura do processo judicial por Kodama. Nesse sentido, ao contrário do que a viúva parecia querer, o escândalo somou pontos para Katchadjian.

Outra nota observada também já traz no título um resumo do caso: *María Kodama*,

viuda de Borges, denuncia a un autor por experimentar con “El Aleph”. Publicada em um site do Panamá, *W radio*, em 2015, o texto apresenta um depoimento de María Kodama sobre o processo judicial movido contra Katchadjian, como se pode ver abaixo:

Ante el experimento del escritor argentino, María Kodama, viuda de Borges, denuncia a Katchadjian imponiendo una querrela penal por plagio por parte del escritor argentino. En diálogo con “Feliz Regreso”, María Kodama, viuda de Jorge Luis Borges, dijo que en este caso: “La ley de derechos de autor debe ser respetada, ser guardián implica tener a alguien prisionero; yo no soy guardiana de nadie”, afirmó la viuda del escritor, frente al papel que ella está cumpliendo tras el plagio de “El Aleph”.

No entanto, a nota traz, também, uma contraposição a essa visão, ao afirmar que não se trata de um plágio, e sim de um experimento literário, deixando claro que Katchadjian “engordou” o relato, promovendo um aumento do texto original em um movimento de intertextualidade.

Publicada pela Agência Nacional de Notícias da Argentina, em 2015, também sem indicação de autoria, a nota *Apelación y repudio en causa por presunto plagio de “El Aleph” contra el escritor Katchadjian*, por sua vez, informa acerca do repudio à acusação de plágio contra o escritor Katchadjian. A nota acrescenta, ainda, que se reuniram personalidades do meio literário e cultural, como escritores e editores, para organizar um movimento nas redes sociais contra a acusação de plágio movida pela viúva de Borges, o que acabou provocando um debate amplo sobre propriedade intelectual não só na Argentina, mas também em outros países.

Note-se que, em certos casos, a nota explicativa não deixa de apresentar, também, algum julgamento ou opinião sobre o caso: *El caso del escritor sentenciado por alterar un cuento de Borges*, de Federico Biancini, publicada pelo *The New York Times*, em 2016, por exemplo, traz apenas a questão do plágio, inclusive declarando que o caso chega a ser cômico, ou borgeano, se fosse ele mesmo uma ficção. Também destaca outros casos em que María Kodama acionou a justiça em 2012, oportunidade em que venceu um processo por difamação contra o crítico francês Pierre Assouline, o qual publicou em um artigo a suposição de que ela manipulava a vontade de Borges.

A nota ainda destaca que, depois deste processo, Kodama obriga a editora Alfaguara a tirar de circulação o livro *El Hacedor (de Borges)*, que era um *remake* escrito pelo espanhol Agustín Fernández Mallo, o qual também fazia um jogo literário com o texto original. Foi, aliás, no mesmo ano que a viúva acusou Katchadjian de plágio por *El Aleph engordado*. Biancini (2016) traz, no referido texto, uma citação da crítica Beatriz Sarlo, que diz que

“Kodama es la rústica exageración de la figura del heredero, que cree que sus derechos se extienden no sólo a los resultados dinerarios sino que son soberanos sobre qué se hace o se deja de hacer con la obra, cuya propiedad la ley les garantiza” (SARLO *apud* BIANCINI, 2016).

Em um breve comparativo em relação à questão envolvendo *El Aleph engordado* tal como a discussão é posta nas resenhas e nas notas explicativas, percebemos que as resenhas apresentam mais informações e posicionamentos mais claramente discutidos dos autores acerca do “fenômeno Katchadjian”. Já as notas explicativas limitam-se, em sua maioria, a apresentar de forma sucinta o fato, sem se aprofundar ou emitir posicionamento fundamentado acerca do caso. Outro aspecto que chama atenção é que normalmente as notas não são assinadas por autor ou jornalista e se aproximam muito mais da factualidade envolvida no escândalo decorrente do processo aberto pela herdeira de Borges do que nas questões literárias que o procedimento escritural de Katchadjian potencializa como discussão sobre a literatura contemporânea e seus modos de operar com a tradição literária e crítica.

2.3 Breves ensaios críticos

Neste contexto, as resenhas e as notas constituem-se em polos opostos do terceiro tipo de texto que tratou do tema na Internet: breves comentários ou ensaios de crítica literária. Esses textos colaboram para a discussão acerca de *El Aleph engordado* de uma perspectiva singular em relação aos anteriores, pois geralmente são oriundos do universo da própria crítica literária, nos quais um emissor manifesta seu ponto de vista sobre produções literárias e culturais, mas o faz de um lugar marcado por sua condição de crítico de literatura ou de arte, cujas intervenções comumente circulam em vários meios de comunicação, como revistas acadêmicas, periódicos, páginas na *web*, etc. Os casos aqui considerados, porém, são os de circulação na Internet, não em periódicos acadêmicos especializados.

Destacamos como exemplo desse gênero os três textos seguintes, nos quais podemos observar considerações críticas sobre o caso.

Em ¿El barco Borges-Katchadjian: Plagio o alteración?, Emmanuel Ordóñez (2015) aborda a indagação acerca do que é plágio ou alteração, assim como se Katchadjian é responsável pelos dois procedimentos. Faz, ainda, uma reflexão afirmando que esse é um caso contraditório para a literatura, pois o próprio Borges trabalhou com o tema da reprodução no conto “Pierre Menard, autor del Quijote”, argumento, aliás, amplamente referido em praticamente todos os tipos de texto publicados a esse respeito. O autor se posiciona e faz uma

crítica ao sistema político, em relação ao qual há vários casos de corrupção, porém quase não há manifestações contrárias:

Varias ironías del caso han quedado claras. La ironía literaria, la más prominente, es que Borges trabajó precisamente el tema de la reproducción y falsificación creativa: dos ejemplos claros son el cuento “Pierre Menard: Autor del Quijote” y la reescritura del final de “El Martín Fierro”. La ironía política, que es la más deprimente, es que los oficiales que se ocuparán de atrapar a Katchadjian estarán sentados junto a él en el Octavo Círculo, residencia no sólo para los ladrones sino también para los corruptos: el gobierno de Macri es uno de los peor calificados en el índice de percepción de la corrupción de Transparencia Internacional (ORDÓÑEZ, 2015, p.02).

Há que observar como o crítico ironiza o fato de que, ao se empregar um mesmo conceito (plágio) como expressão de uma ideia de corrupção, o literário perderia certa autonomia *sine qua non* das obras de arte e passaria a figurar lado a lado com as mais medíocres manifestações das falhas humanas (como a corrupção política). Ordóñez ainda critica María Kodama por processar autores que usam as obras de Borges para fazer algum experimento literário, apontando sua ânsia de fazer dinheiro com o patrimônio literário do marido:

Y la ironía financiera, la más nefasta, es que el hábito de Kodama de demandar a comentaristas de Borges (y su hábito de hacer dinero con su patrimonio literario, a pesar de instrucciones explícitas de no hacerlo) ha demostrado ser un negocio fructífero, mientras que su más reciente víctima, el libro de Katchadjian, fue un proyecto sin ánimo de lucro, y que ya le ha costado a Katchadjian una multa considerable (ORDÓÑEZ, 2015, p. 02).

O referido crítico toma como exemplo o enigma de *El barco de Teseo* para esclarecer de forma mais didática a discussão, estabelecendo um elo comparativo entre o enigma e *El Aleph engordado*, objetivando explicar como se dá o caso do plágio. O mencionado enigma foi apresentado por Plutarco, o qual questionava se o barco de Teseu, após passar por diversos reparos, ainda poderia ser considerado como sendo o verdadeiro barco, mesmo que tivessem sido substituídas todas as suas partes. Nesse sentido, o autor destaca a resposta dada por Aristóteles ao enigma proposto:

Una respuesta positiva la ofrece Aristóteles. Como las cosas obtienen su identidad gracias a su “causa formal” (a grandes rasgos, su diseño), el barco restaurado sí es el barco de Teseo, porque no importan los cambios que hayan sucedido a nivel de las partes materiales del barco, que es lo que Aristóteles llama su “causa material” (de lo que está hecho) (ORDÓÑEZ, 2015, p.3-4).

O fragmento evidencia a interpretação de Aristóteles acerca do enigma, defendendo que se as alterações não alterarem o desenho original, teremos sim a conservação da originalidade da obra. Neste sentido, no entanto, Ordóñez (2015) defende que, ao aplicarmos a interpretação aristotélica ao caso de Katchadjian, se chega à conclusão que *El Aleph engordado* caracteriza-se como uma obra totalmente distinta, e não apenas uma alteração da obra original. O jogo se estabelece entre uma identidade “perceptível” e a problematização da identidade, quando a questão é vista da perspectiva dos procedimentos construtivos.

Ordóñez (2015) apresenta, ainda, a distinção entre plágio e alteração, como podemos observar no fragmento seguinte: “el plagio y la alteración, por supuesto, no son la misma cosa. Si la demanda fue por plagio no tiene fundamento. Por otro lado, los peritos están en lo correcto: *El Aleph engordado* es, efectivamente, una alteración de la obra de Borges”. Por fim, há que destacar que o autor aborda a questão com propriedade, porém utilizando-se de uma linguagem clara e objetiva, acessível ao público da Internet, que normalmente caracteriza-se por ser diversificado e amplo.

Também o texto *Arte de quem? Especialistas discutem os limites entre homenagem, apropriação e plágio nas diferentes linguagens artísticas, Até onde vão os deveres de quem usa outra obra como partida?*, publicado no site brasileiro *Gaúcha ZH*, seção cultura e lazer, no ano de 2013, apresenta uma discussão a respeito do limite artístico entre apropriação e plágio. Curiosamente, apesar de deter-se na questão de uma perspectiva que se aproxima do ensaio, não é assinado por ninguém. Nele, também são enumerados alguns exemplos de plágios em outras obras, como a da psiquiatra que foi acusada de plagiar colegas de profissão. Ressalta, ainda, que na música também é possível encontrar casos como esse:

Em que especialistas apontaram semelhanças entre os trabalhos de um músico gaúcho, o pianista Diego Lopes, e de um americano, o também pianista Ben Folds. O disco de Lopes chama a atenção pelas identidades com o de Folds, não apenas no tocante a harmonia, melodia e andamento, mas em letras, temáticas e títulos das canções – fato que levou a organização do Prêmio Açorianos, em que Lopes concorre na categoria Compositor, a decidir pela sua *desclassificação* e depois voltar atrás ao longo da semana (ANÔNIMO,⁵ 2013).

Laddaga (2006) por sua vez, levanta uma hipótese sobre alguns possíveis desdobramentos da arte contemporânea: os artistas, quer sejam indivíduos ou grupos, concebem filtros e situam estes filtros em algum lugar do mundo, onde podem capturar

⁵ **Arte De Quem?** Especialistas discutem os limites entre homenagem, apropriação e plágio nas diferentes linguagens artísticas. Gaúchazh cultura e lazer. Brasil Gaúchazh cultura e lazer. Brasil 2013. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/03/especialistas-discutem-os-limites-entre-homenagem-apropriacao-e-plagio-nas-diferentes>> Acessado em 23/ 08/ 2018.

fragmentos de informação e, às vezes, fabricam mecanismos, máquinas, sistemas com os quais se podem fazer coisas. Porém, ao mesmo tempo, manifestam visões singulares (de tecnologia, do domínio específico, do mundo) que requerem nossa reflexão. Para Laddaga, há uma tendência contemporânea na qual os escritores mesclam

[...] memorias, autobiografías, opiniones personales [...] se escriben y publican libros donde las maneras de dirigirse a nosotros, lectores –maneras que solemos asociar con la tradición de la novela –se mezclan en proporciones variables, con las maneras de la confesión, la revelación de las circunstancias personales, los gestos y disfraces de gran teatro de la presentación de sí mismo, la enumeración abierta de las propias prosaicas opiniones (LADDAGA, 2010, p. 29).

Desta forma, levando em consideração que a literatura contemporânea excede as fronteiras do que, de maneira geral, se tem chamado de literatura ao longo dos séculos, pondo em xeque o conceito até mesmo de sua estrutura e suas fronteiras, o que acarreta um complexo e diversificado modo de produção, circulação, recepção, é no universo da literatura, na cultura e na sociedade que devemos indagar além da crítica que já existe, e também analisar as posições dos críticos e escritores sobre o que se tem apresentado neste campo tão multifacetado. Somos levados, então, a observar quais as formas de interação do literário com outros moldes de produção artística contemporânea, como o uso da tecnologia e as práticas de produção e recepção, e a refletir, assim, sobre como esses elementos contribuem para se pensar a concepção de literatura e o papel desempenhado pelo leitor, em nossa época.

Ainda quanto ao texto publicado em *Gaúcha ZH*, nele se discorre sobre o plágio e se entende que a intertextualidade é um elemento que, se mal compreendido, pode ser entendido com cópia ou plágio. Deste modo, ninguém seria original em tudo, pois os textos que construímos são recortes de outros. Em sua argumentação, também se fala da cultura *pop*. O caso Katchajian é citado como exemplo de um processo de escrita que toma como ponto de partida a obra do outro.

É importante observar que, ao convocar o leitor, Katchadjian recoloca o tema do valor, ao mesmo tempo em que, de certa forma, desloca a discussão da perspectiva do autor criador para a do leitor decodificador. É pertinente, ao tratar dessa questão, supor que, se o leitor não é capaz de perceber as ambiguidades que estão entrelaçadas no processo criativo de Katchadjian, pode ser ele quem falha, portanto. É interessante esse movimento, pois, ao colocar no âmago do debate a leitura, Katchadjian tem por finalidade reconvocar a maneira como Borges fazia literatura, na qual a leitura é um elemento não só importante, mas

imprescindível da obra de arte. Como reitera Emir Rodríguez Monegal: “Ao longo de sua obra, Borges tem feito uma série de observações críticas, de intuições, de alusões, que permitem reconstruir essa poética de leitura, simbolicamente expressada em ‘Pierre Menard’” (MONEGAL, 1980, p.81).

Com isso, Borges chama a atenção para o papel do leitor, na literatura e, também, diante do livro:

Se as páginas deste livro consentem algum verso feliz, perdoe-me o leitor a descortesia de tê-lo usurpado, previamente. Nossos nada pouco diferem; é trivial e fortuita a circunstância de que sejas tu o leitor destes exercícios, e eu o redator deles (BORGES *apud* MONEGAL, 1980, p.81).

Recorrendo às considerações de Rita Terezinha Schmidt sobre o processo de reescrita para fundamentar sua colocação acerca do caso *El Aleph Engordado*, o ensaio publicado em *Gaúcha ZH* sustenta que:

A reescritura é um deslocamento do original e é muito recorrente em vários espaços: a *Ilíada* sendo reescrita a partir de outros pontos de vista. Vários romances de Machado de Assis vêm sendo reescritos, mexendo com a história. Recentemente, Conceição Evaristo fez isso com Clarice Lispector (a escritora retoma a personagem do romance *A Hora da Estrela* no conto *Macabéa, Flor de Mulungu*) – exemplifica. (SCHMIDT *apud*, ANONIMO, 2013).

É pertinente frisar que este é um dos poucos textos dentre os escolhidos que discorre sobre o caso Katchadjian a partir de uma perspectiva em diálogo com a literatura brasileira. Com isso, o debate passa do âmbito da crítica argentina e se lança como sendo latino-americana, num sentido ampliado. Por sua vez, o caso Katchadjian teve repercussão em vários países da América Latina, como se pode ver no apêndice, por exemplo.

Lembra-se, ainda, no ensaio que a apropriação é vista de maneira positiva em diversos âmbitos da arte, então seria de se esperar que a cópia não fosse mais um problema. Evidentemente, o que dificulta a decisão é a possibilidade de responder judicialmente a esse recurso: “Não fosse isso, talvez se pudesse empregar uma fórmula simples para aferir, diante de uma cópia evidente, a ‘intenção criadora’ de seu ‘autor’: se admite, é a cópia a serviço da arte; se nega, é cópia mascarada em benefício próprio” (ANÓNIMO, 2013).

Também o poeta e crítico literário estadunidense Kenneth Goldsmith, de visita em Buenos Aires (2015), refletiu sobre a literatura contemporânea, afirmando que o meio literário ainda se surpreende com os mesmos casos de plágio nas mais diversas áreas, como na ciência,

na música e nas artes, como se pode ler nos textos *Help a él* e *El poeta estadounidense Kennet Goldsmith, de visita en Buenos Aires*. Ao final do texto, ao comentar o caso de acusação de plágio sofrida pelo escritor Pablo Kachadjian, Goldsmith destaca que o fato de alguém plagiar uma obra indica a importância dessa obra, considerando o plágio, de certa forma, um ato de amor, e a reescrita uma forma de trazer a obra novamente ao cenário atual. O poeta observa que, no contexto da produção textual humana, não há originalidade. Na sua visão, um grau elevado de originalidade somente poderia ser alcançado se um dia a escrita estivesse majoritariamente a cargo dos robôs.

Nesse sentido, a escrita não criativa pode ser analisada como um processo que diminui a importância do autor, chamando a atenção para as condições ambíguas em que ele se inscreve, já que o que poderia ser considerado um apagamento autoral, pela utilização do procedimento de escrever uma obra a partir de outra já existente, é responsável pela manutenção da noção de autoria. Como deixa claro Luciene Azevedo:

Não a já tradicional noção de intertextualidade, mas o ventriloquismo, um texto se falando por outro. O texto-fonte (que nem poderia mais ser assim tratado) aparecendo inteiro, emergindo no texto criado, e se travestindo de outro, seu modo e circunstância de aparecimento, não mais operando a rasura, mas o total apagamento das fronteiras entre o que é próprio e o que é alheio (tal como as trocas de autoria se dão na rede) e tal estratégia pode passar a ser um critério de valor para o texto, o sinal de uma nova potência (AZEVEDO, 2011, p.12).

Por sua vez, em *Angustias del intertexto. A propósito del caso Katchadjian*, Hamed apresenta uma análise crítica sobre o que seria a intertextualidade e, a partir disso, tece reflexões sobre a literatura contemporânea. Hamed (2015) afirma que é preocupante para o universo literário o que aconteceu com Pablo Kachadjian, pois, de alguma maneira, acaba atingindo outros autores. E relembra que no século XVIII começou a se definir a norma de propriedade intelectual e que alguns autores importantes, como Baudelaire e Gustave Flaubert, foram processados pela alegação de ofender a moral pública. Diante disso, faz uma observação acerca dos regimes não democráticos que acabam inibindo os intelectuais de expor seus ideais, uma vez que hoje pode ser apenas uma acusação de plágio, porém mais adiante pode ser uma acusação de atentado à moral ou por injúrias à nação, por exemplo.

Como se pode observar em relação aos tipos de intervenção mencionados anteriormente, as resenhas e os breves ensaios de crítica literária conservam alguns traços em comum, como, por exemplo, o nítido posicionamento e a emissão de um juízo de valor acerca do ocorrido, geralmente a partir de algum embasamento conceitual, sendo que, no entanto,

nem todos os textos utilizam conceitos provenientes do campo dos estudos literários.

Por sua vez, os diversos gêneros empregados para tratar do “caso Katchadjian” não portam a mesma potência crítica. Nota-se que, do ponto de vista da consistência e complexidade da reflexão, os breves ensaios são mais produtivos do que as resenhas, pois apresentam questionamentos mais elaborados. As resenhas, por sua vez, apresentam discursões mais informativas a respeito do assunto, talvez em decorrência da própria limitação, em nossa época, de uma cultura profícua e produtiva no campo jornalístico, capaz de alimentar discussões sistemáticas que gerem, por exemplo, polêmicas críticas. No conjunto, são textos que não produzem respostas, formando apenas um conjunto mais ou menos conectado/isolado de manifestações acerca de um mesmo assunto ou tema cultural.

As resenhas encontradas funcionam como certo tipo de jornalismo cultural mais próximo, talvez, do jornalismo do que da crítica de arte. Já os textos de tipo ensaístico se aproximam mais da crítica literária, sem necessariamente expor detalhes do texto discutido (o que pressupõe que o leitor já os conheça), mas apresentam uma reflexão mais fundamentada acerca do tema. Nesse sentido, parecem ser mais exigentes quanto ao tipo de leitor a que se dirigem, visto que requerem deste, ao menos, a leitura prévia tanto de “El Aleph” quanto de *El Aleph engordado*. Assim, os textos de crítica literária são mais bem elaborados, pois são voltados para leitores do meio literário, enquanto as resenhas encontradas são direcionadas a um público diverso, ainda que ambos possam ser lidos por leitores de formação diversa, *on line*.

Do cotejo do conjunto de manifestações acerca de *El Aleph engordado* e as discussões que o procedimento de Katchadjian e as atitudes de Kodama geraram, por sua vez, nota-se que emergiu um verdadeiro evento discursivo que possibilitou várias discussões, chamando especialmente a atenção da crítica e do público em geral para os temas da autoria e da propriedade intelectual. Este assunto também desata um debate jurídico vinculado ao procedimento artístico relacionando os dois relatos. No entanto, é preciso reconhecer que esses debates também restringem bastante as perspectivas de abordagem do texto de Katchadjian, limitando-as a dois ou três tópicos, como se pode ver no conjunto dessas manifestações, aqui recuperado.

Em se tratando da crítica em torno do caso Katchadjian, avaliamos, por outro lado, que ela está posta em novos espaços de circulações, não necessariamente acadêmicos, o que pode representar um ganho em termos de alcance da discussão. Pois o caso refletiu amplamente na mídia argentina e latino-americana, produzindo muitas matérias em jornais e revistas impressas e, também, na Internet. Muitas dessas críticas colocam Katchadjian no centro da

discussão, promovendo abordagens críticas a respeito dos direitos de Kodama sobre a obra de Borges, com respeito à legislação sobre direitos autorais, etc. Surgiram, ainda, críticas que beiram o senso comum, mais limitadas às noções de falta ou defeito associadas ao plágio como impotência criativa.

Outra questão importante no tocante a Katchadjian e *El Aleph engordado* é a circulação abrangente desse tipo de crítica feita na Internet. Apesar de diversa da crítica acadêmica em seu conjunto, seja por não fazer uso das mesmas terminologias nem explicitar claramente as bases em que se afirmam, as discussões publicadas a respeito do autor e seu texto põem em questão os conceitos de autoria e de originalidade, por vezes, se propõem a pensar o texto literário e seus processos de circulação. Ao mesmo tempo, chama a atenção o fato de que os tópicos em que se centrou essa crítica não especializada e não dirigida necessariamente a um público-leitor especializado abordou, basicamente, os mesmos tópicos apontados pela crítica acadêmica que tratou da mesma questão, em relação a Katchadjian, como veremos mais adiante. Sendo assim, o contexto digital levanta um paradoxo entre a função do leitor e do escritor, no tocante, também à crítica.

Nesse sentido, a produção literária atual exige um modelo singular de crítica literária, mantendo o empenho crítico e ampliando as regras do próprio horizonte da crítica, de modo a procurar formas de ler e responder a questões relacionadas ao universo da arte e da literatura contemporâneas, ao mesmo tempo em que se dirige a um público mais amplo e diversificado.

3 Crítica nos meios, crítica na academia: limites e intersecções de uma questão contemporânea

A crítica argentina Josefina Ludmer publicou na Internet, a partir de 2007, pequenos ensaios polêmicos e provocativos, sendo o primeiro intitulado *Literaturas posautónomas*. Nele, ela lança o conceito de pós-autonomia para questionar certos aspectos tradicionais da literatura moderna e seus limites, procurando compreender as transformações no contexto literário e cultural contemporâneos. Os textos de Ludmer apontam para a necessidade de tentar entender o panorama literário atual a partir de outros conceitos e operadores de leitura, mais fluidos e menos presos a categorias como cânone, autor, gênero literário, realidade, ficção, etc.

Nesse sentido, ela problematiza a modernidade, sob o prefixo posto na formulação das “literaturas pós-autónomas”. Em suas intervenções críticas sobre literatura contemporânea, Ludmer busca superar os limites estanques de uma crítica pautada na autonomia, propondo

novas formas de analisar as produções pós-1990 e compreender o diálogo interno entre uma fase autônoma típica da literatura moderna e uma fase pós-autônoma característica do presente, segundo ela.

Mas também se torna problemática a insistência em uma literatura pós-autônoma, conforme as reflexões de Ludmer, uma vez que seu conceito sugere que a literatura perderia sua própria definição. Porém Josefina Ludmer mostra que as transformações no cenário literário deste século não supõem uma redução no campo da literatura, mas, sim, a ampliação de suas possibilidades de discussão e análise das obras literárias do presente.

Deste modo, percebemos, no entanto, a permanência de um tipo de crítica ainda pautado em alguns tópicos já tradicionais – plágio, cópia, crime, falta de criatividade, etc. –, quanto ao caso *El Aleph engordado*, configurando-se, nesse sentido, como discussões por vezes sumárias ou, mesmo, anacrônicas. Temos como exemplos as notas jornalísticas, que apenas transmitem a informação sem a preocupação de uma crítica minimamente fundamentada sobre o assunto, a qual também é reproduzida com velocidade, já que está inserida no meio digital. Nesse sentido, se, por um lado, a circulação digital aponta para certa potência do meio, por outro, aponta, também, para o estado limitado de parte da crítica cultural em jornais e revistas, atualmente, e a redução dos espaços explícita e detidamente voltados para a crítica literária, diferentemente, por exemplo, do cenário há 50 anos ou, mesmo, há um século.

Nas resenhas, por exemplo, vislumbramos um debate que permanece ainda muito sutil, cuja perspectiva do autor por vezes cria a imagem de um relator do caso analisado, raramente tomando posição firme ou ideológica, no debate. Isto aponta para um traço da crítica literária nos meios não acadêmicos do momento: perpetuam-se com rapidez algumas informações, porém ninguém as debate ou as investiga, instalando-as, basicamente, numa dinâmica pautada na reprodução. Flora Sussekind (2010), no artigo para o jornal *O Globo* intitulado “A crítica como papel de bala”, reflete sobre isso, a partir do que ela denomina de “apequenamento e a perda de conteúdo significativo da discussão crítica, assim como da dimensão social da literatura no país nas últimas décadas” (SUSSEKIND, 2010). Apesar de seu texto referir-se ao cenário brasileiro, ele poderia ser usado, aqui, para a reflexão sobre o caso argentino em questão. Para a autora, motivos como a extinção dos estudos literários aplicados, exclusivamente, assim como a diminuição das resenhas literárias e a eliminação de espaço do discurso acadêmico nas páginas dos jornais estão criando um tipo de debate literário superficial, no qual está expirando a valorização da importância social da literatura, que acaba sendo posta nesses meios de difusão apenas por razões mercadológicas.

De fato, o que circulou a respeito de *El Aleph engordado* nos meios digitais também se relaciona, muitas vezes, a questões sobre o fluxo mercadológico que cerca a produção literária, a grande quantidade de prêmios, festivais e oficinas, e a perda da importância da crítica e em seu papel de formar leitores e juízos críticos acerca da obra de arte, atualmente. Sendo assim, são esses os fundamentos de uma conjuntura em que o círculo público é enfraquecido, de certo modo problematizando ou, mesmo, dificultando o desenvolvimento de uma crítica do contemporâneo que seja, também, uma crítica de sua própria época e das condições em que se produz o literário, assim como das condições de aparecimento dos próprios objetos estéticos. Como observa a autora, esse cenário:

[...] parece expor inequívoca vontade de retorno a algo próximo à tradição das Belas Letras, a um regime estável e hierarquizado de vozes e gêneros, a regras fixas de apreciação e prática textual, a um apagamento de novos espaços de legibilidade, espaços ainda não demarcados ou nomeados, e sugeridos por formas de compreensão expansivas, e não exclusivas, do campo da literatura. Um desejo de rehierarquização e pureza que não parece sem sintonia com o temor de um universo sociopolítico menos hierarquizado, com a expansão meio informe de uma classe média cujo imaginário não parece ultrapassar uma coleção inesgotável de bens de consumo. E com uma extraordinária expansão das práticas digitais de escrita, acompanhada, paradoxalmente, no entanto, de uma quase invisibilidade coletiva dessas manifestações, de um encolhimento quase ao absurdo da esfera pública (SUSSEKIND, 2010).

Como vemos, a autora faz uma crítica à sociedade que vive na era da informação sendo ainda conservadora e pouco aberta ao debate, mas conectada, e não preocupada com o universo crítico. O que importa é se o que se propaga é rentável. Sussekina (2010) ressalta, pois, as limitações de uma análise da situação atual do campo artístico-cultural pautado em valores por vezes ultrapassados. Deste modo, a discussão que se mostra para a sociedade acaba ficando restrita a um ou outro tópicos, nem sempre os mais relevantes do objeto estético. Atualmente, há um conflito por espaço, por exemplo, na Internet, em que poucos críticos participam de canais de grande visibilidade, mas várias pessoas, como jornalistas ou leitores, compartilham sua visão.

Isso sugere certa democratização dos meios de produção de discurso e conhecimentos sobre literatura e artes, o que significa que não só os especialistas podem comentar sobre literatura, deixando o universo literário menos elitista. Contudo, uma das implicações de tal abertura é o fato de que não existe, nesse cenário, garantias de uma discussão consistente ou elaborada, mediante a proliferação de variáveis que passam a integrar o cenário dessa crítica (*on line*, por exemplo).

Em relação a esse contexto, observamos, na seleção dos textos que abordam o caso *El Aleph engordado*, que eles instauram uma espécie de polêmica, partindo da premissa de que a polêmica atende a um número maior de pessoas do que o discurso da crítica literária acadêmica. No entanto, ao contrário da polêmica, enquanto modalidade de crítica frequente no século XIX e início do século XX, marcada pelo efeito de continuidade entre os polemistas, trata-se, no caso Katchadjian, de uma série de discursos e textos cujo diálogo entre si ocorre à revelia de seus autores, muito mais como produto de um modo de ler na Internet, que acaba colocando à disposição do leitor um conjunto de textos que se articulam em torno de um mesmo tema, por exemplo, a partir de métodos semelhantes, ainda que os textos não dialoguem, de fato, entre si nem instalem um processo de reflexão sobre o objeto estético de modo persistente.

Nesse sentido, como destaca José Luís Jobim: “Possivelmente, a visão de que “falta” polêmica, associada à de que “falta” crítico literário que a produza, deriva de um quadro histórico em que se acredita que a polêmica interessa a um público mais amplo do que as manifestações mais comuns da crítica literária” (JOBIM, 2012, p.152). Não é o que se observa nos textos em circulação *on line* sobre Katchadjian. Neles, o elemento polêmico limita-se ao caráter poroso da discussão envolvendo plágio/não plágio. Não há, portanto, uma polêmica, de fato, mas apenas a simulação ou, no máximo, a projeção daquilo que poderia converter-se em polêmica, mas não avança em termos de discussão crítica e cultural.

Nesse sentido, a ironia está no fato de que, apesar de a Internet ter aumentado significativamente as possibilidades de alcance do debate crítico, no campo literário, ao menos no caso envolvendo Katchadjian e *El Aleph engordado*, o que se nota é um debate relativamente pobre, limitado aos mesmos tópicos temáticos e, mais do que isso, à reprodução de discursos e ideias, espécie de fragmento, talvez ruína, no sentido de estilhaços, do lugar da crítica jornalística, em nossa época, ao deixar de lado o principal objetivo dos polemistas do século XIX, que é o intercâmbio de ideias. Valeria a pena ainda, então, interrogar se tal cenário é, de fato, diferente daquele apresentado pela crítica acadêmica acerca de *El aleph engordado*.

Tomando como referência alguns textos críticos acadêmicos que tratam especificamente do texto de Katchadjian, nota-se que eles também tendem à discussão acerca da autoria, assim como à reflexão sobre a relação entre literatura e plágio. Por sua vez, há que ressaltar que, comparativamente aos textos de ampla circulação na Internet, ainda há poucos estudos acadêmicos sobre *El Aleph engordado*.

Sendo assim, podemos observar a discussão sobre o conceito de autoria e originalidade, nos seguintes textos: *Apropriação em El Aleph engordado*, de Tatiana da Silva Capaverde (2017); *Literatura y plágio en Argentina: formas rentables y no rentables de quebrar los valores del mercado*, de Kevin Perromat (2014); *Retóricas de la intervención literária en El Aleph Engordado de Pablo Katchadjian*, de Alexandra Saavedra Galindo (2018), e *Textos que dão voltas por aí: Borges, Katchadjian, obra e autoria na literatura contemporânea*, de Rejane Cristina Rocha (2018).

Especificamente, os textos *Apropriação em El Aleph engordado* (2017) e *Textos que dão voltas por aí: Borges, Katchadjian, obra e autoria na literatura contemporânea* (2018) discutem o fato de o conto de Borges ser reescrito por meio de um acréscimo de palavras ao texto já existente. Isto permite que o texto de Borges seja mantido, de certa forma, no de Katchadjian. Defende-se, também, nesses textos que Katchadjian põe em evidência sua própria função de autor ao incorporar seu estilo no meio de um texto que já existe, ainda mais sendo este um ícone da literatura, com Borges.

Desta forma, o autor se propõe a construir novos significados a partir do novo texto, passando a ser identificado por meio deste feito. No que se refere a Borges e seu conto, os dois são apresentados em novos espaços de circulação, *a priori* não literários, muitas vezes sendo lidos, a partir da escrita de Katchadjian. Entretanto, com o lançamento de *El Aleph engordado* e o processo judicial de Maria Kodama contra o escritor argentino, ganham evidências fatos importantes para entender como se estabelece a questão da autoria na literatura contemporânea. E de como se caracteriza a ideia de literatura no presente, como observamos na citação seguinte:

Ao publicar *El aleph engordado*, Katchadjian segue cuidadosamente a lição de Borges e isso bastaria para que ele se colocasse, em relação a ele e em relação à autoria literária, de uma maneira muito peculiar, talvez ambígua: ao inserir seu gesto autoral no interior de um texto já existente e da lavra de um autor consagrado, o escritor contemporâneo coloca em xeque a sua própria autoridade de autor, como aquele que dita os significados novos que “nascem” com um novo texto; ao mesmo tempo, assume essa recusa como a sua marca autoral e passa a ser identificado como autor a partir, paradoxalmente, dessa recusa. No que diz respeito a Borges e ao seu conto, ambos são colocados em novos espaços de circulação, aprioristicamente não literários, e passam a ser lidos, muitas vezes, a partir de Katchadjian e desses novos espaços (ROCHA, 2018, p.83).

Desta perspectiva, teria sido atribuída ao autor de *El Aleph engordado* a edição, venda ou reprodução de uma obra sem autorização de seu autor original ou de sua herdeira, mas este

não era o centro da questão, e sim os usos criativos das obras literárias e artísticas. Desta forma, a questão não pode ser analisada em uma dimensão da perspectiva exclusiva do autor ou, neste caso, seu sucessor; pelo contrário, também existe uma esfera crítica que envolve mais argumentos para debater:

[...] Vuelve a hacerlo al ofrecerse a sí mismo, de forma implícita, como terreno propio para experimentar nuevas intervenciones y al ser materia de debate tanto en el mundo de la academia como en el de la creación; muestra de ello son las dos intervenciones que llevó a cabo Milton Laufer como respuesta al proceso judicial contra de la obra de Katchadjian. *El Aleph engordado* pide lectores que estén dispuestos a intervenir sobre este texto que es fruto de una intervención. No cabe duda de que, incluso, destacar los fragmentos de “El Aleph” en *El Aleph engordado* puede considerarse como intervención dentro de la intervención. En definitiva, la obra original, además de ser esa obra canónica en la que se ha convertido con el paso del tiempo, es también un centro de irradiación y estímulo de nuevas propuestas artísticas. *El Aleph engordado* es solo una de las muchas propuestas que le esperan a la obra de Borges (GALINDO, 2018, p.1).

Por sua vez, destacamos também nos textos acadêmicos discussões sobre o plágio no caso *El Aleph engordado*, o que promove reflexões sobre o assunto, contribuindo para pensar a tradição literária e seu cânone. Estas observações nos oferecem uma visão mais ampla sobre a noção do plágio e suas implicações para a literatura.

O texto que mais discute o caso *El Aleph engordado* é o estudo de German Abel Ledesma: *Cuestión de peso: Pablo Katchadjian y su “Aleph engordado”* (2018). Segundo o autor, ao editar o *Aleph engordado* Pablo Katchadjian usa como suporte o conto de Borges, inserindo nele novas palavras. Desta forma, converte-o em outra obra, de dimensão maior que a original. Assim, o referido autor o considera o verdadeiro autor de *El Aleph*, haja vista que usou as palavras de Borges se passando por suas e as suas se passando pelas do outro. Esta mistura, no ponto de vista do estudioso, entre os limites do que é próprio e o alheio, em uma intervenção que ultrapassa o conceito do plágio, antes de tudo, não é uma reprodução servil do trabalho de Borges. Em suas palavras, Katchadjian

[...] tomó como base el cuento “El Aleph” de Jorge Luis Borges y agregándole secuencias lo transformó en un texto diferente con más del doble de su extensión. En principio tomó palabras de otro y las hizo pasar como propias, pero al mismo tiempo recurrió al procedimiento inverso, es decir, hizo pasar como ajenas palabras propias. Esta disolución entre las fronteras entre lo dicho y lo apropiado, en una operación conceptual que excede la del plagio, se vincula con la embestida contra la creación individual ensayada por las vanguardias históricas. *En consonancia con las posibilidades abiertas por un nuevo tipo de textualidad en un ambiente*

electrónico, la operación de Katchadjian propicia un movimiento del lenguaje, a partir del cual el texto de Borges se resignifica en un nuevo contexto. Según nuestra hipótesis dicho movimiento produce más una tensión que una continuación del original (LEDESMA, 2018,p.2).

Ao refletir sobre o plágio, Hélène Maurel-Indart (2014) salienta que as normas sobre propriedade intelectual são atuais e que conseguem atender os múltiplos interesses sociais e econômicos do período em que é criada. As leis no presente supõem que os autores são decorrentes de um procedimento que antes era de reconhecer os direitos de propriedade acerca de uma obra para muitas pessoas ligadas com ela, mas que não foram, precisamente, seus criadores. Que dizer, durante algum tempo, após o surgimento da imprensa, o método legal defende os impressores, livros e editores que obtinham a obra e tinham todos os direitos econômicos sobre ela, sendo que os autores usufruíam de poucas vantagens. Então, os dois princípios que se protegem hoje são o econômico e os direitos sobre as ideias, que por muito tempo estiveram independentes.

Diante disso, Galdino enfatiza que, com a averiguação sobre a autoria de “El Aleph” e dos direitos sobre os benéficos econômicos para María Kodama, o juiz deveria ter feito uma análise mais profunda sobre o plágio da obra Borges por parte do acusado, a responsabilidade de Katchadjian sobre um texto que não criou, e a modificação do título para promover uma dúvida entre os leitores com a finalidade de obter proveitos de algum modo.

No entanto, se compararmos as discussões apresentadas nos textos acadêmicos e aquelas apresentadas em canais *on line* e destinadas a um público muito mais amplo, não se notam grandes diferenças de ponto de vista ou de perspectiva de leitura, ainda que, como é esperado, os textos acadêmicos se valham de um conjunto maior de teorias e textos críticos para pautarem seus pontos de vista. Como visto até aqui, de fato, a projeção do escândalo parece ter pautado boa parte dos discursos críticos sobre *El Aleph engordado*, num processo em que não é fácil definir se o meio literário influenciou as discussões de grande circulação, ou vice-versa, ou, ainda, e se trata de um processo de intercâmbios recíprocos, que pode ser lido em consonância com a ideia de pós-autonomia, também no âmbito da crítica literária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos uma caracterização dos tipos textuais e dos tópicos de discussão difundidos nos meios digitais e quais questões eles abordam a respeito do caso *El Aleph engordado*, pudemos analisar resenhas de divulgação, notas informativas ou explicativas e breves ensaios críticos, com o que pudemos constatar que, apesar de certa semelhança

temática, estes textos, nem sempre conseguem libertar-se do senso comum e de um horizonte mercadológico. Comparando-os, por sua vez, com alguns textos de crítica acadêmica que tratam do caso Pablo Katchadjian, nota-se que nestes se abordam as mesmas questões dos textos anteriores, ainda que se possa questionar se, nesses casos, se trata de implicações mercadológicas ou, mais do que isso, de limitações da própria crítica contemporânea, nem sempre capaz de avançar em termos críticos ou, mesmo, de leitura crítica, mesmo quando se mostra consistente e bem formulada em relação às bases que adota.

Nesse sentido, observamos que os cinco acadêmicos elencados apontam para as mesmas questões apresentadas nos veículos da mídia *on line* em geral, sem tratar, propriamente, de algum aspecto diferente dos já apresentados naqueles. O que mais se distancia, como visto, é o texto de Ledesma, que aponta para uma perspectiva de leitura que encontra no universo digital um fundamento para o procedimento criativo de Katchadjian. No conjunto, nota-se que, mesmo diante de um experimento literário potencialmente rico em discussões, o caso Pablo Katchadjian em *El Aleph engordado* parece figurar à deriva, ainda à espera de uma crítica menos apegada aos princípios da modernidade e, talvez, mais condizente com a produção estética de nossa época.

Resumen: En el presente artículo, adoptamos como cuestión orientadora cómo se dio la repercusión en torno a la publicación de *El Aleph engordado* (2014), del escritor argentino Pablo Katchadjian. La polémica surge por haber realizado un experimento artístico utilizando como base el cuento "El Aleph", de Jorge Luis Borges. Siendo así, establecemos como objetivo leer y analizar las textualidades que circularon en las medias sobre el caso. Pablo Katchadjian, comparándolas con la crítica académica sobre el caso. Para eso, tomamos como base las consideraciones de Sussekind (2010), Jobim (2012), Laddaga (2010), Ludmer (2007), Azevedo (2011). Delante de eso hicimos una caracterización del tipo de crítica que circuló sobre el caso, observando, inicialmente, as reseñas publicadas en sitios y *blogs*, para después nos debrucemos sobre las notas explicativas, también disponibles en los medios digitales y breves ensayos críticos acerca da cuestión. Al final, comparamos los textos analizados con los apuntes de la crítica literaria académica, llegando a la conclusión de que, para el experimento de Katchadjian, no existen profundas diferencias entre aquello que la académica y la no académica leyó sobre él

Palabra-Clave: Pablo Katchadjian. Literatura argentina. Crítica literaria contemporánea. Literatura contemporánea.

Referências

ALVES, W. Plagio y reescritura en Bolivia Construcciones de Sergio di Nucci. *Latin American Research Review*, v. 52, p. 156-168, 2017. Disponível em: <<http://doi.org/10.25222/larr.49>>.

ANÔNIMO, **Alteró “El Aleph” de Borges y se desató la polémica.** libros.cienradios. Argentina. Disponível em < <https://libros.cienradios.com/altero-el-aleph-de-borges/>> Acessado em 23/08/2018.

ANÔNIMO, **Apelacion y repudio em causa por presunto plagio de “ El Aleph” contra el escritor Katchadjian.** Agencia nacional de notícias. Argentina. 2015. Disponível em < <http://www.telam.com.ar/notas/201506/109921-apelacion-y-repudio-en-causa-por-presunto-plagio-de-el-aleph-contra-el-escritor-katchadjian.html>> Acessado em 24/ 08/2018.

ANÔNIMO, **Arte De Quem?** Especialistas discutem os limites entre homenagem, apropriação e plágio nas diferentes linguagens artísticas. Gaúchazh cultura e lazer. Brasil 2013. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/03/especialistas-discutem-os-limites-entre-homenagem-apropriacao-e-plagio-nas-diferentes>> Acessado em 23/ 08/ 2018.

ANÔNIMO, **Escritor argentino Pablo Katchadjian debuta en Chile con su novela “Gracias”** Chile. Narrativa Punto Aparte. 2014. Disponível em < <https://narrativapuntoaparte.cl/2014/06/30/escritor-argentino-pablo-katchadjian-debuta-en-chile-con-su-novela-gracias/>> Acessado em 23/08/2018.

ANÔNIMO, **Escritores repudian procesamiento contra Pablo Katchadjian por “plagiar” El Aleph, de Jorge Luis Borges.** La Prensa. Nicaragua. 2015.

ANÔNIMO, **Help a él,** Eterna cadencia. Honduras.2012. Disponível em < <https://www.eternacadencia.com.ar/blog/libreria/item/help-a-el.html>> Acessado em 23/08/2018.

ANÔNIMO, **María Kodama, viuda de Borges, denuncia a un autor por experimentar con 'El Aleph.** W rádio. Panamá. 2015. Disponível em< <http://www.wradio.com.pa/noticias/actualidad/maria-kodama-viuda-de-borges-denuncia-a-un-autor-por-experimentar-con-el-aleph/20150818/nota>> Acessado em 23/08/2018.

AZEVEDO, L. “Pirataria literária tem valor?”. *Abehache*, n. 1, v. 1, p. 43-58, 2011. Disponível em: <<http://revistaabehache.com.br/index.php/abehache/article/view/35/34>>.

LEDESMA, G. A. Cuestión de peso: Pablo Katchadjian y su “Aleph engordado”. *Badebec*, v. 7, n. 14, p. 28-53, 2018. Disponível em: <<https://revista.badebec.org/index.php/badebec/article/view/158>>.

BIANCHINI, Federico. **El caso del escritor sentenciado por alterar un cuento de Borges.** The New York Times. Argentina 2016. Disponível em < <https://www.nytimes.com/es/2016/11/30/el-caso-del-escritor-sentenciado-por-alterar-un-cuento-de-borges/>> Acessado em 18/ 08/2018.

BORGES, Jorge Luis. **Obras completas.** 1999.

BORGES, Jorge Luis. **Otras inquisiciones.** Buenos Aires. 1952

CALERO, G. César. **¿Se puede engordar 'El Aleph'?** El mundo. Buenos Aires. 2015. Disponível em<<http://www.elmundo.es/cultura/2015/08/15/55cf5e2a46163f43298b457a.html>> Acessado em 18/08/2018.

CAPAVERDE, Silva Tatiana, **A apropriação em El Aleph Engordado**. Letras de Hoje. Brasil. 2017. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2017.4.27179>> Acessado em 15/ 11/2015.

DÍAZ, Ariane, Dieta forsoza para Borges. La izquierda diário Argentina. 2015. Disponível em < <https://www.laizquierdadiario.com/Dieta-forzosa-para-Borges>< Acessado em 19/ 08/2018.

FRIERA, Silvina, **El poeta estadounidense Kenneth Goldsmith, de visita en buenos aires**. Página 12. Argentina 2015. Disponível em < <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/17-36976-2015-10-18.html>> Acessado em 23/08/2018.

GALINDO, Saavedra Alexandra. **Retóricas de la intervención literaria: El aleph engordado de pablo katchadjian**. Revista chilena de literatura.2018.

GONZÁLEZ, Diego, **El aleph de pablo katchadjian ¿arte o plagio?** El Alacran Rojo. 2016. Disponível em < <http://elalacranrojo.com/el-aleph-de-pablo-katchadjian-arte-o-plagio/>> Acessado em 18/08/2018

JOBIM, Luís José, **Crítica Literária: Questões E Perspectivas**. Itinerários, Araraquara. 2012. Disponível em < <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/5907>> Acessado em 15/11/2018.

KATCHADJIAN, Pablo. *El Aleph engordado*, 2014. Disponível em: <<https://www.ucm.es/data/cont/docs/119-2014-02-11Borges.El%20Aleph76.pdf?fbclid=IwAR1Xjaefa4q3f99YoW1AIQX8VOS21-rvCMcLVIBlhI46xDnb1qT8iTWX0uU>>. Acessado 08/ 10/ 2018

LADDAGA, Reinaldo. **Estéticas de laboratório**. 1ª ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2010.

LAMBERTI, Luciano. **Ya terminaron de plagiar a todos los clásicos?** Eterna Cadencia. Honduras.2015. Disponível em < <https://www.eter nacadencia.com.ar/blog/contenidos-originales/colaboraciones/item/ya-terminaron-de-plagiar-a-todos-los-clasicos.html>> Acessado em 19/08/2018

LEDESMA, Abel Germán. **Cuestión de peso: Pablo Katchadjian y su “Aleph engordado”**

LUDMER, Josefina. **Literaturas postautónomas**, II (2007). Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literaturas-postautonomas-2-0-de-josefina-ludmer/>>. Acessado 22/08/2016.

MONEGAL, E. R. **Borges: uma poética da leitura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

ORDÓÑEZ, Emmanuel, **El barco Borges-Katchadjian: ¿plagio o alteración?** Nexos Cultura y vida cotidiana. Disponível em < <https://cultura.nexos.com.mx/?p=12730>> Acessado em 22/08/2018.

PERROMAT, Kevin. **Literatura y plagio en Argentina: formas rentables y no rentables de quebrar los valores del mercado.** Cuadernos del CILHA. 2014. Disponível em < http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-96152014000200006> Acessado em 18/11/2018.

PERROMAT, Kevin. “**Plagiarismo: ¿Estética o movimiento contemporáneo?**” 2011. Disponível em < <http://revistes.ub.edu/index.php/452f/article/view/10824>> Acessado em 17/11/ 2018.

ROCHA, Cristina Rejane. **Textos que dão voltas por aí: Borges, Katchadjian, obra e autoria na literatura contemporânea.** Estudos de literatura brasileira contemporânea. 2018. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2316-40182018000300073&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acessado em 15/11/2018

RODRIGO, Ramirez Herrera. **Sobreseen de imputación de plagio de "El Aleph" de Borges a escritor argentino.** IP Tango, Argentina .2012. Disponível em < <http://iptango.blogspot.com/2012/05/sobreseen-de-imputacion-de-plagio-de-el.html>> Acessado em 23/08/2018.

SÁNCHEZ, Matilde, **El conflicto por una obra sobre “El Aleph” Las razones de Kodama: “No voy a permitir un plagio irreverente”.** Clarín. Argentina. 2015. Disponível em < https://www.clarin.com/sociedad/razones-kodama-permitir-plagio-irreverente_0_Skzlcj8KP7g.html> Acessado em 18/08/2018

SETTON, Román. **El aleph engordado, una disquisición leguleya de un asunto literario. Un ejercicio de crítica.** Revista Invisibles. Argentina.2015. Disponível em < <http://www.revistainvisibles.com/el-aleph-engordado-635134.html>> Acessado 23/08/2018

SUSSEKIND, Flora. “**A crítica como papel de bala**”. *O globo* Rio de Janeiro, 24 de abril de 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/04/24/a-critica-como-papel-de-bala-286122.asp>.> Acessado 06/11/2018.

VILLAMEDIANA, Moreno Luis. **Krazy Katchadjian.** Ruma de Libros , Venezuela 2011. Disponível em < <https://500ejemplares.wordpress.com/page/4/>> Acessado 23/08/2018.

Apêndice

Autor/ Profissão	Título	Periódico	País do periódico	Tema central/ Tema secundário	Ano
Luis Moreno Villamediana	<u>Krazy Katchadjian</u>	Ruma de libros	Venezuela	Uma breve análise acerca de algumas obras de Pablo Kachadjian	09/07/2011
Rodrigo Ramirez Herrera	Sobreseen de imputación de plagio de "El Aleph" de Borges a escritor argentino	IP Tango	Argentina	O desenvolvimento do processo judicial.	03/05/2012
		Eterna	Honduras	Análise do debate	31/05/2012

	Help a él	cadencia		causado pela acusação de plágio e questionamentos sobre	
?	Arte de quem? Especialistas discutem os limites entre homenagem, apropriação e plágio nas diferentes linguagens artísticas. Até onde vão os deveres de quem usa outra obra como partida?	Gaúchazh Cultura e Lazer	Brasil	Discussões a respeito do limite artístico entre apropriação e plágio	29/03/2013
	Escritor argentino Pablo Katchadjian debuta en Chile con su novela “Gracias”	Narrativa Punto Aparte	Chile	Lançamento de um romance de Katchadjian no Chile.	30/06/2014
?	Apelacion y repudio em causa por presunto plagio de “ El Aleph” contra el escritor Katchadjian	Agencia Nacional de Noticias	Argentina	Repudio a acusação de Plágio contra o escritor Katchadjian.	22/06/2015
Luciano Lamberti	¿Ya terminaron de plagiar a todos los clásicos?	Eterna Cadencia	Honduras	Discussão sobre a acusação de plágio enfatiza também que Katchadjian! Utiliza os mesmo recurso que Borges.	22/06/2015
Ariane Díaz	Dieta forzosa para Borges	La izquierda diário	Argentina	O plágio do Aleph	02/07/2015
?	Escritores repudian procesamiento contra Pablo Katchadjian por “plagiar” El Aleph, de Jorge Luis Borges.	La Prensa	Nicaragua	Apoio que Pablo Katchadjian recebeu de outros autores e a acusação de plágio	06/07/2015
Román Setton	El aleph engordado, una disquisición leguleya de un asunto literario. Un ejercicio de crítica	Revista Invisibles	Argentina	Questionamento jurídicos sobre el caso Katchadjian	10/07/2015
Matilde Sánchez	El conflicto por una obra sobre “El Aleph” Las razones de Kodama: “No	Clarín	Argentina	Entrevista como María Kodama sobre a acusação de plagio	04/07/2015

	voy a permitir un plagio irreverente”			movida contra o autor Argentino	
César G. Calero	¿Se Puede engordar “El Aleph”?	El mundo	Buenos Aires	O plágio e como se deu o processo judicial	15/08/2015
	María Kodama, viuda de Borges, denuncia a um autor por experimentar con 'El Aleph'	W radio	Panamá	Depoimento de Maria Kodema sobre o processo judicial movido contra Kachadjian	18/08/2015
Silvina friera	El poeta estadounidense kenneth Goldsmith, de visita en buenos aires	Página 12	Argentina	O poeta estadounidense Kenneth Goldsmith refletindo sobre a literatura contemporânea, tecnologia e também sobre a acusação de Plágio ao escritor Pablo Kachadjian	15/10/2015
Diego González	El Aleph de Pablo Katchadjian ¿Arte o Plagio?	El Alacran Rojo		O plágio e os limites da arte	24/11/2016
Federico Biancini	El caso del escritor sentenciado por alterar un cuento de Borges	The New York Times	Argentina	Apresenta a questão de plagio de uma forma muito resumida inclusive declarando o caso chega a ser cómico, ou borgeano, se fosse ficção.	30/11/2016
?	Alteró“ El Aleph” de Borges y se desató la polémica	¿	Argentina	A disputa judicial entre María Kodama e Pablo Katchadjian	¿
Emmanuel Ordóñez	El barco Borges-Katchadjian: ¿plagio o alteración?	Nexos Cultura y vida cotidiana		Questionamentos sobre o valor da literatura.	